

**A (DES)CONSTRUÇÃO DO ESTEREÓTIPO DA MULHER  
BRASILEIRA: UMA PROPOSTA DE DISCUSSÃO EM AULAS DE  
PLE (PORTUGUÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA)**

*THE DECONSTRUCTION OF THE IMAGE OF THE BRAZILIAN  
WOMEN SPREAD WORLDWIDE: A PROPOSAL FOR DISCUSSION IN  
PFL (PORTUGUESE AS A FOREIGN LANGUAGE) CLASSES*

Chrysthyan Marcelo MATOS DE SOUZA<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho tem como função discutir a imagem estereotipada da mulher brasileira difundida no mundo, em aulas de PLE (Português Língua Estrangeira) para alunos estrangeiros de nível avançado, que estão aprendendo a Língua Portuguesa em seu aspecto sociocultural. Urge-se, com este trabalho, falar sobre a feminilidade e como esta, historicamente, teve a sua função e importância delimitada pela visão do homem branco europeu. Ademais, abordaremos o porquê de a mulher negra de pele clara ser considerada como um produto para publicidade e mídia social que somente reforça esse estereótipo por meio de propagandas, principalmente de cerveja e futebol.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mulher brasileira; PLE; Estereótipo.

**ABSTRACT:** This work aims to discuss the stereotypical image of Brazilian women spread worldwide, in Portuguese as a Foreign Language (PFL) classes for advanced-level foreign students who are learning the Portuguese Language in its sociocultural aspects. Thus, it is pressing to address femininity and how their role and importance have been historically delimited by the point of view of white European men. Additionally, we will address why light-skinned black women are considered an advertising and social media product that only reinforces this stereotype through advertisements, especially beer and soccer ones.

**KEYWORDS:** Brazilian women; PFL; Stereotype.

## **1 Introdução**

Como professor de PLE, é requisito ir além das discussões sobre gramática e língua, no avanço dos níveis de aprendizagem dos alunos, para que eles possam entender o uso desses recursos comunicativos diariamente em seus aspectos culturais, sociais, econômicos e religiosos; ou seja, pensar e ensinar dialeticamente e epistemologicamente. Ao falar sobre a categoria mulher, deparamo-nos com dois questionamentos em aberto: quais seriam as visões que os brasileiros e os estrangeiros têm das mulheres? E por que são vistas de tal forma?

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Letras, na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, IBILCE, São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil. E-mail: chrysthyan.souza@unesp.br.

A categoria mulher por vários séculos foi vista como inferior aos homens; tiveram seus desejos apagados e seus sonhos inalcançáveis devido ao poder que o patriarcado emergia sobre elas. Dessa forma, hodiernamente ainda são visórias as marcas desse passado, especialmente ao falarmos de corpos negros que, no caso das mulheres, são objetificados, sexualizados e, assim, estigmatizados.

A objetificação dos corpos foi sendo construída através da história da colonização do povo brasileiro, tão logo os portugueses chegaram ao Brasil. Mais tarde, aparatos culturais, como música, cinema, literatura e mídia em geral, contribuíram para a manutenção e solidificação do estereótipo sexualizado das mulheres. No caso das mulheres brasileiras, há muito tempo são expostas como produto nacional para os estrangeiros, através de propagandas, anúncios, novelas, filmes etc., inclusive impulsionando o turismo sexual.

Inicialmente, é preciso entender, de maneira contextualizada, como esse estereótipo nasceu no imaginário do povo brasileiro e como isso se difundiu mundo afora para que, assim, seja possível a realização do objetivo deste trabalho, que seria a elaboração de um material didático especificamente voltado para alunos estrangeiros que estão na fase intermediária/avançada de Língua Portuguesa como língua adicional. Além disso, busca-se o desenvolvimento das competências comunicativas e linguageiras de aprendizes de Língua Portuguesa com a intenção de mudança ou inovação em relação ao estereótipo das mulheres brasileiras no Brasil e no exterior.

## **2 O nascimento de uma nova narrativa: a década de Gilberto Freyre**

Ao discorrer a respeito da *mulheridade* e da visão da mulher no mundo, é preciso entender que esta já possui o seu perfil perfeitamente constituído no imaginário do brasileiro e do estrangeiro: “morena”, magra, curvas acentuadas e glúteos avantajados. Este é o corpo a ser desejado — logo, sexualizado e objetificado. Esse é um claro exemplo do racismo em sua forma estrutural. Ou seja, desde os primórdios da escravidão no Brasil, a mulher já possuía a sua função muito bem definida. O historiador Dr. Jaime Pinsky, ao tratar da escravidão no Brasil, afirma que:

A escravidão não é simplesmente um fato do passado. A herança escravista continua mediando nossas relações sociais quando estabelece distinções hierárquicas entre trabalho manual e intelectual, quando determina habilidades específicas para o negro (samba, alguns esportes, mulatas) e mesmo quando alimenta o preconceito e a discriminação racial. Assinar a memória, escondendo o problema, é uma forma de não o resolver (Pinsky, 2021, p. 7).

A citação do historiador Jaime Pinsky evidencia como os efeitos da escravidão no Brasil ultrapassam o passado histórico e ainda moldam, de maneira profunda e persistente, as relações sociais contemporâneas. Ao destacar a manutenção de estereótipos e hierarquias, Pinsky denuncia o modo como o racismo estrutural atua silenciosamente, naturalizando papéis sociais associados a pessoas negras, especialmente no que diz respeito à mulher negra. Por sua vez, a associação de “habilidades específicas” — como o samba, o corpo hipersexualizado da “mulata” ou

certos esportes — demonstra que a objetificação e o exotismo continuam a ser formas de dominação simbólica herdadas do período escravista. Logo, ignorar ou apagar essa memória, segundo o autor, significa perpetuar as desigualdades, impedindo a sociedade de enfrentar com seriedade os mecanismos de exclusão e discriminação que seguem operando no presente.

Ademais, Gilberto Freyre é conhecido como um dos sociólogos da década de 1930, ao lado de Caio Prado Júnior e Sérgio Buarque de Holanda. Freyre destacou-se por abordar em seu livro *Casa Grande & Senzala*, que faz parte da trilogia seguida pelos livros *Sobrados & Mucambos* e *Ordem e Progresso*, “os relatos dos meandros sociais brasileiros desde o período Colonial, passando pelo Império até a República” (Oliveira Silva da Cruz, 2021, p. 37). O livro será analisado neste trabalho justamente por ser considerado uma das primeiras teorias brasileiras a reconhecer o papel central do negro na formação da sociedade brasileira. Sendo parte dessa primeira leva, Freyre tenta explicar as dinâmicas sociais internas que se diferenciavam das descrições sociais internacionais. Dessa forma, ele pode ser visto como um membro das

(...) gerações passadas do *insiderism* de homens brancos [que] têm moldado um ponto de vista sociológico que reflete as preocupações desse grupo, pode ser autodestrutivo para as mulheres negras o ato de abraçarem esse ponto de vista (Oliveira Silva da Cruz *apud* Collins, 2016, p. 119).

Dessa forma, ilustra-se como a visão do homem branco, ao discorrer sobre as mulheres, pode ser perigosa, uma vez que é muito provável que ocorram iminentes erros de narrativa que não condizem com a realidade e vivência dessas mulheres. Além disso, por possuírem um lugar de alto prestígio social na sociedade, estes homens não têm os seus diálogos questionados por outrem por justamente o negro possuir esse lugar de exclusão discursiva, de ter a sua fala não priorizada. Como apontou a antropóloga Lilia Moritz Schwarcz no *podcast Flow*, é fundamental lembrar o princípio central da antropologia: compreender a lógica do outro e reconhecer sua importância (Schwarcz, 2022).

Ademais, partindo da premissa em descrever o Brasil colonial, Freyre atravessa por vários aspectos das relações sociais da época, ainda que as trate de maneira leviana e pouco crítica, como as relações entre os homens brancos e as mulheres negras. Nesse sentido, quando Freyre vai tratar da lógica social da Casa Grande e coloca o patriarcado como uma das ferramentas de dominação, ele apenas a aponta como uma dominação para com as mulheres brancas, ignorando o lugar marginalizado das mulheres negras que parte da intersecção — ou seja, a interação entre dois ou mais fatores sociais que definem uma pessoa, como raça, gênero, etnia, localização geográfica e afins — da diferença do racismo com o sexismo.

E por meio do dito popular da época “branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar”, Freyre estabelece os papéis sociais das mulheres, nos quais a mulher branca seria a bela, recatada e do lar, a mulher negra de pele escura seria a doméstica, e a de pele clara, a mulata, ou seja, a razão do seu prazer (logo, o corpo a ser sexualizado e objetificado). Portanto, presencia-se, dessa maneira, o nascimento do estereótipo da mulher brasileira. A de tom retinto deve trabalhar, cuidar dos filhos, passar e lavar; já a

“mulata”, a que tem pele “morena”, curvas exuberantes, nádegas e seios fartos — a famosa mulher “gostosa” no imaginário masculino brasileiro — será o foco de prazer e divertimento dos homens e o motivo de desespero e o lugar de violência que serão vivenciados pelas afrodescendentes.

### 3 O renascimento das mulheres brasileiras

Durante muito tempo, a mulher brasileira foi associada a uma figura exótica, sexualizada e subordinada, conforme construído pelos relatos históricos e pela influência de figuras como Gilberto Freyre. Essa visão, sustentada por décadas, continua a ser reforçada por certos elementos da mídia, pela publicidade e até pela narrativa turística que vende uma versão distorcida do Brasil e de suas mulheres. No entanto, ao longo do tempo, esse estereótipo tem sido questionado e reconfigurado por diferentes grupos de mulheres, especialmente as mulheres negras, indígenas e LGBTQIA+, que começam a ocupar o centro das discussões sociais, culturais e políticas.

O renascimento das mulheres brasileiras se dá por meio da ressignificação de seus corpos, suas identidades e seus direitos. No lugar da mulher estigmatizada e objetificada, surge a mulher empoderada, consciente de seu lugar na sociedade e de sua contribuição para o desenvolvimento do país. A luta feminista e o movimento negro, ambos com profundas raízes no Brasil, têm sido fundamentais para quebrar a ideia de que a mulher brasileira deve se conformar com uma única representação. Elas se mostram como mulheres plurais, com múltiplas identidades, não reduzidas à sua aparência ou ao seu papel histórico definido erroneamente como objeto de desejo. Esse movimento é apoiado por novas representações nos meios de comunicação, na literatura, na música e no cinema, que dão voz e espaço a narrativas mais diversas e inclusivas. O site Terra, como exemplo, em comemoração ao dia da mulher, fez uma matéria sobre quem são as mulheres negras brasileiras que revolucionaram a história do Brasil, presente na imagem 1.

Imagem 1 — Mulheres negras brasileiras que revolucionaram a história



Fonte:

[https://www.terra.com.br/nos/conheca-as-mulheres-negras-que-influenciaram-a-historia-do-brasil\\_0bf84bebfd5aac55b057792c5c8c62ecatqhx3nn.html](https://www.terra.com.br/nos/conheca-as-mulheres-negras-que-influenciaram-a-historia-do-brasil_0bf84bebfd5aac55b057792c5c8c62ecatqhx3nn.html)

## A (DES)CONSTRUÇÃO DO ESTEREÓTIPO DA MULHER BRASILEIRA: UMA PROPOSTA DE DISCUSSÃO EM AULAS DE PLE (PORTUGUÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA)

Logo, uma das formas de romper com os estereótipos está na construção de uma narrativa que coloque as mulheres brasileiras no papel de protagonistas de suas próprias histórias. Mulheres brasileiras têm se destacado em diferentes áreas, como a política, as artes, o esporte, a ciência e a cultura, e isso tem sido crucial para modificar a percepção que se tem delas no Brasil e no exterior. Políticas públicas e iniciativas sociais têm contribuído para aumentar a visibilidade de mulheres que outrora estavam à margem da sociedade.

O movimento feminista negro, em especial, tem trabalhado para visibilizar as mulheres negras e suas lutas, que são muitas vezes ignoradas ou marginalizadas nas narrativas tradicionais hegemônicas. O corpo da mulher negra, historicamente sexualizado e objetificado, agora deve ser visto como um símbolo de resistência e de força. Ao reivindicar sua voz, sua autonomia e seu lugar de fala, as mulheres negras estão construindo novas formas de existir e de serem vistas, ao mesmo tempo que desafiam o racismo estrutural e o machismo.

Além disso, a mulher brasileira começa a ocupar espaços de liderança e poder que antes eram impensáveis. Mulheres como a ex-presidente Dilma Rousseff, a ativista Marielle Franco, a cantora Elza Soares, e tantas outras, têm se destacado como exemplos de força e transformação. A vida dessas mulheres mostra que é possível ser uma mulher brasileira fora dos moldes estereotipados, desafiando as normas de gênero e as expectativas sociais que ainda tentam limitar o potencial feminino.

### **4 Desafios e perspectivas: o caminho para a transformação**

Embora os avanços sejam visíveis, o processo de desconstrução do estereótipo da mulher brasileira ainda enfrenta desafios significativos. A objetificação feminina continua presente em diversas camadas da sociedade, desde a publicidade até a representação midiática, como em novelas, presente na imagem 2. No entanto, é importante destacar que as mulheres brasileiras têm se unido em uma frente comum para lutar contra a violência de gênero, o sexismo e o racismo.

Imagem 2 — A Empregada Doméstica  
[Espevitada/Servil/Bisbilhoteira/Sedutora/Submissa]



Fonte: <https://nodeoito.com/estereotipos-racistas-novelas-brasileiras/>

A educação desempenha um papel central nesse processo de mudança. Ao ensinar as novas gerações a questionarem os estereótipos e a entenderem a complexidade das identidades femininas, é possível construir um futuro mais justo e igualitário. A reformulação de currículos escolares, a criação de espaços seguros para o debate e o fortalecimento de políticas públicas voltadas para as mulheres são fundamentais para que a transformação seja duradoura.

A arte e a cultura desempenham um papel fundamental na construção dessa nova narrativa. Na música, no cinema, na literatura e nas artes visuais, as mulheres brasileiras têm se mostrado como criadoras e não apenas como musas ou objetos de desejo. Artistas como a escritora Conceição Evaristo, a cineasta Ana Maria Magalhães e a cantora Liniker estão rompendo com os estereótipos ao apresentar personagens femininas que são complexas, independentes e poderosas.

O cinema brasileiro, por exemplo, tem trazido à tona histórias de mulheres em situações de resistência, superação e transformação, que desafiam as expectativas sociais. Essas representações ajudam a modificar a percepção que o público tem das mulheres brasileiras, tornando-as mais visíveis e reais em sua diversidade. A literatura também tem sido uma ferramenta poderosa para dar voz às mulheres que antes estavam invisíveis, especialmente as mulheres negras e periféricas.

O renascimento das mulheres brasileiras é um movimento que vai além da simples superação de estereótipos. Trata-se de uma reconstrução profunda das relações sociais, culturais e políticas que busca criar uma sociedade mais justa e igualitária para todas as mulheres. Ao desafiar as representações históricas da mulher brasileira, as mulheres hoje estão criando novas narrativas que as colocam como agentes de transformação e como protagonistas de suas próprias vidas.

Esse processo de mudança é contínuo e exige a colaboração de todos — homens e mulheres, brasileiros e estrangeiros. A conscientização e a educação desempenham papéis essenciais nesse processo, que deve ser pautado pelo respeito, pela inclusão e pela valorização da diversidade. O estereótipo da mulher brasileira está sendo desconstruído e, ao fazer isso, abre-se um novo horizonte de possibilidades para que as mulheres brasileiras possam se ver e ser vistas da forma como realmente são: complexas, poderosas e cheias de potencial.

## **5 Metodologia de pesquisa**

O público-alvo da aula aqui proposta são alunos de português como língua estrangeira de qualquer nacionalidade e de idade a partir de quatorze anos, devido a temas como a sexualização da mulher brasileira no exterior. O nível de proficiência dos alunos deverá ser avançado, já que a aula será ministrada em Língua Portuguesa, além de contar com a participação dos próprios alunos na construção do debate em sala de aula, levando em conta a cultura de cada um, baseado numa abordagem intercultural.

A relevância desta aula se deve ao fato de que os alunos comumente tiveram, em sua cultura, imagens da mulher brasileira que constroem um estereótipo não condizente com a realidade, figurando-se, além do mais, como uma visão machista e racista. O

## A (DES)CONSTRUÇÃO DO ESTEREÓTIPO DA MULHER BRASILEIRA: UMA PROPOSTA DE DISCUSSÃO EM AULAS DE PLE (PORTUGUÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA)

objetivo da atividade é o de possibilitar uma reelaboração dessa imagem da mulher brasileira que foi construída no exterior, para que os alunos sejam capazes de não apenas se desfazer dessas compreensões equivocadas, como também de não reproduzir, pensar ou cometer atitudes machistas/racistas, evitando, assim, episódios de opressão e violência.

A estratégia utilizada é a de conhecer a realidade do aluno e entender o que ele tem como bagagem, ou seja, o que trouxe de sua cultura sobre esta questão, para que, a partir disso, apresentemos uma base teórica e uma exposição crítica da história da formação da sociedade brasileira, a fim de que se entenda as questões sociais e políticas em torno dessa construção estereotipada da mulher brasileira.

Dessa forma, será proposta uma roda de conversa como primeiro encontro. Nele, nós, enquanto professores, introduziremos o assunto a partir de algumas imagens e mídias diversas, a fim de diagnosticar o que os alunos sabem sobre o tema, o que pensam e o que têm de experiência dentro da cultura de onde vêm. Aprender uma nova língua é, também, aprender uma nova cultura e uma nova forma de perceber a realidade; no entanto, nenhuma cultura deve se impor sobre a outra. É importante que os alunos, então, saibam dialogar e possam refletir acerca dos assuntos que fazem parte da nossa cultura, mas de uma forma a propor um diálogo.

Sendo assim, a partir das mídias que disporemos a eles — que estarão em semicírculo conosco, a fim de que a conversa seja a menos hierarquizada possível, e a mais confortável e segura possível —, vamos colocar algumas perguntas para que eles respondam, a partir do que veem nas imagens.

### **6 Banco de perguntas**

1. O que a imagem apresenta?
2. A que ela faz referência?
3. A quem se destina a mensagem nela contida?
4. Qual a ideia principal passada pelas expressões corporal e verbal da personagem?
5. O que essas ideias dizem sobre as relações sociais em que esta personagem está envolvida?
6. Quais os elementos valorizados nas imagens?
7. Quais impressões as imagens transmitem acerca da função social e da personalidade da(s) personagem(s) retratada(s)?
8. Essa representação condiz com a instrução de valores e moral a que foram submetidos no seu país?
9. De que maneira as mulheres que são representadas dessa maneira são vistas por você/ pela sua cultura?

A partir dessas perguntas, será possível desenvolver o diálogo acerca das informações não-verbais que constituem as imagens e o que elas significam/representam para os alunos. Ao ouvi-los, também poderemos dizer o que significam para nós, a partir de alguns relatos ou até mesmo de novas perguntas que

A (DES)CONSTRUÇÃO DO ESTEREÓTIPO DA MULHER BRASILEIRA: UMA PROPOSTA DE DISCUSSÃO EM AULAS DE PLE (PORTUGUÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA)

possam surgir. A ideia é fomentar um diálogo, a partir do qual desejamos torná-los um pouco mais abertos e receptivos para outras atividades que exijam um maior aprofundamento na teoria, na história e na realidade brasileira. Entende-se por esta atividade, sobretudo, a importância do diagnóstico desses alunos e de deixá-los confortáveis para compartilhar seus pensamentos, pois apenas dessa maneira será possível conhecê-los e trabalhar o que for necessário.

Outro objetivo, para além do que já foi mencionado, é o de sair desse primeiro encontro entendendo que a representação da mulher brasileira é equívoca. No entanto, espera-se que eles próprios cheguem a essa conclusão ao observar as imagens e associá-las aos seus próprios padrões de crenças e valores.

## 7 Materiais de apoio

Para a realização do encontro, serão utilizados memes que circulam na Internet, propagandas de cerveja e notícias de jornal. A seguir, estão as imagens coletadas.

Imagem 3 — No passado, Brasil já teve material oficial de turismo com apelo sexual



Fonte:

<https://g1.globo.com/turismo-e-viagem/noticia/2014/02/no-passado-brasil-ja-teve-material-oficial-de-turismo-com-apelo-sexual.html>

A (DES)CONSTRUÇÃO DO ESTEREÓTIPO DA MULHER BRASILEIRA: UMA PROPOSTA DE DISCUSSÃO EM AULAS DE PLE (PORTUGUÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA)

Imagem 4 — Turismo sexual proposto pelo ex-presidente Jair Bolsonaro



Fonte: <https://internacionalizese.blogspot.com/2019/04/opiniao-turismo-sexual-no-brasil-e.html>

Imagem 5 — Propaganda da cervejaria Devassa acusada de preconceito racial contra a mulher negra



Fonte:

<https://www.migalhas.com.br/quentes/190053/nao-e-ofensiva-propaganda-da-devassa-com-referencia-ao-corpo-da-mulher-negra>

Imagem 6 — Globeleza



Fonte:

<https://natelinha.uol.com.br/televisao/2022/03/22/globo-acaba-com-tradicao-e-carnaval-fica-se-m-globeleza-apos-30-anos-178839.php>

Além das imagens acima, será apresentada a letra da marchinha de Carnaval “O teu cabelo não nega”, de modo a contribuir para as discussões acerca dos preconceitos que recaem sobre a mulher negra. É importante abordar essa música como uma forma de evidenciar o fator midiático-cultural na perpetuação do racismo e dos estereótipos, pois manifestações artísticas populares — especialmente aquelas de grande alcance, como as marchinhas carnavalescas — frequentemente reforçam construções sociais discriminatórias sob o disfarce da brincadeira ou da tradição. A canção, ao destacar traços físicos racializados de maneira caricatural e hiperssexualizada, contribui para a naturalização da objetificação da mulher negra e da sua identidade como exótica e subordinada, revelando como o entretenimento também pode ser veículo de reprodução de violências simbólicas.

Imagem 7 — *O teu cabelo não nega*, de Lamartine Babo

O teu cabelo não nega, mulata  
Porque és mulata na cor  
Mas como a cor não pega mulata  
Mulata, eu quero o teu amor

Tens um sabor bem do Brasil  
Tens a alma cor de anil  
Mulata, mulatinha, meu amor  
Fui nomeado teu tenente interventor

Quem te inventou, meu pancadão  
Teve uma consagração  
A Lua te invejando faz careta  
Porque mulata, tu não és deste planeta

Quando, meu bem, vieste à terra  
Portugal declarou guerra

Fonte: <https://www.lettras.mus.br/lamartine-babo/366356/>

### Considerações finais

Partindo dos pressupostos acima apresentados, é de extrema importância olhar para a maneira como a imagem da mulher foi construída ao longo da história. Assim, entenderemos por que e como se deu o surgimento desse estereótipo; antes de problematizar, é preciso buscar recursos. O fim desta análise está voltado para a abordagem de questões tão importantes, como as apresentadas acima, com alunos estrangeiros e/ou refugiados que têm a Língua Portuguesa como língua adicional. Como critério de avaliação, será feita uma observação focalizando o entendimento dos alunos a respeito dos estereótipos sobre a mulher brasileira, e, como resultado, espera-se que sejam capazes de fazer um movimento para desconstruir esses pensamentos no meio em que vivem — por exemplo, com familiares do país de origem, que podem ainda disseminar esses ideais.

É preciso lembrar os estudantes de que o Brasil foi um país colonizado por europeus e que, por muitas décadas, teve como moeda o negro afrodescendente. É imperativo fazer com que os estudantes reflitam, questionem e entendam o objetivo de se construir uma nova imagem da mulher. É preciso olhá-las, acima de tudo, com respeito, dignidade e humanidade.

### Como citar este artigo?

MATOS DE SOUZA, C. M. A (des)Construção da Imagem da Mulher Brasileira Difundida no Mundo: uma proposta de discussão em aulas de PLE (Português Língua Estrangeira). *Mosaico*, São José do Rio Preto, v. 23, n. 1, p. 93–104, 2024.

### Referências

ABREU, M. G.; MARTINS, T. G. *Desconstrução do estereótipo da mulher brasileira com alunos estrangeiros: uma proposta de intervenção nas aulas de português como língua adicional*. In: VASCONCELOS, S. I. C. C. (org.). *Práticas pedagógicas e material didático no ensino de português como língua não materna*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019, p. 91–108.

BABO, L. *O teu cabelo não nega*. Letras. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/lamartine-babo/366356/>. Acesso em: 16 dez. 2024.

BRANDÃO, I. V. *Opinião: Turismo sexual no Brasil e a frase de Jair Bolsonaro*. Internacionalize-se. Disponível em: <https://internacionalizese.blogspot.com/2019/04/opinio-turismo-sexual-no-brasil-e.html>. Acesso em: 16 dez. 2024.

COLLINS, P. H. *Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro*. *Revista Sociedade e Estado*, v. 31, n. 1, p. 99–127, jan./abr. 2016.

FLEUR, R. *Conheça as mulheres negras que influenciaram a história do Brasil*. Terra. Disponível em: <https://www.terra.com.br/nos/conheca-as-mulheres-negras-que-influenciaram-a-historia-do-brasil,0bf84bebfd5aac55b057792c5c8c62ecatqhx3nn.html>. Acesso em: 16 dez. 2024.

A (DES)CONSTRUÇÃO DO ESTEREÓTIPO DA MULHER BRASILEIRA: UMA PROPOSTA DE DISCUSSÃO EM AULAS DE PLE (PORTUGUÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA)

FLOW Podcast. *LILIA SCHWARCZ* — *Flow Podcast #532*. Youtube, 13 jan. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/jndzXarioSM?feature=share>. Acesso em: 16 dez. 2024.

FREYRE, G. Prefácio. In: FREYRE, G. *Casa Grande & Senzala: introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 29–63.

*GLOBO acaba com tradição e Carnaval fica sem GLOBEZA após 30 anos*. Uol, 22 mar. 2022. Disponível em: <https://natelinha.uol.com.br/televisao/2022/03/22/globo-acaba-com-tradicao-e-carnaval-fica-sem-globeza-apos-30-anos-178839.php>. Acesso em: 16 dez. 2024.

MANTOVANI, F. *No passado, Brasil já teve material oficial de turismo com apelo sexual*. G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/turismo-e-viagem/noticia/2014/02/no-passado-brasil-ja-teve-material-oficial-de-turismo-com-apelo-sexual.html>. Acesso em: 16 dez. 2024.

*NÃO é ofensiva propaganda da Devassa com referência ao corpo da mulher negra*. Migalhas, 8 nov. 2013. Disponível em: <https://www.migalhas.com.br/quentes/190053/nao-e-ofensiva-propaganda-da-devassa-com-referencia-ao-corpo-da-mulher-negra>. Acesso em: 16 dez. 2024.

OLIVEIRA SILVA DA CRUZ, C. A visão de Gilberto Freyre sobre as mulheres negras em casa grande & senzala: um olhar crítico a partir da perspectiva negra. *Revista Textos Graduated*, v. 7, n. 1, p. 37–46, jan. 2021.

PINSKY, J. *A escravidão no Brasil*. 21. ed. 5. reimp. São Paulo: Contexto, 2021.

SILVA PALAU, C. A. A representação das mulheres em Gilberto Freyre e Sueli Carneiro. *Revista Textos Graduated*, v. 7, n. 1, p. 47–56, jan. 2021.

VASCOUTO, L. 8 *Estereótipos Racistas que Novelas Brasileiras Precisam Parar de Usar*. Nó de Oito. Disponível em: <https://nodeoito.com/estereotipos-racistas-novelasbrasileiras/>. Acesso em: 16 dez. 2024.